

Relatório Mundial sobre Drogas 2008 do UNODC

I. Principais pontos do Relatório

Prefácio.....	p.2
1. Tendências no Mercado Mundial.....	p.4
1.1 Visão Geral.....	p.4
Tendências Globais – Produção de Drogas.....	p.5
Tendências Globais – Tráfico de Drogas	p. 6
Tendências Globais – Consumo de Drogas.....	p. 7
1.2. Mercado de Ópio/Heróina.....	p.8
1.3. Mercado de Coca/Cocaína.....	p.13
1.4. Mercado de Cannabis (maconha e haxixe).....	p.14
1.5. Mercado de Anfetaminas.....	p.18
2. Um século de controle internacional de drogas.....	p.19

Principais Pontos

Prefácio

Os indicadores da situação mundial das drogas vêm se mostrando favoráveis ao longo dos anos, mas há recentes alertas. É preciso ter cautela.

Uma perspectiva global e de longo prazo revela que o uso de drogas ilícitas tem se mantido estável, entre menos de 5% da população adulta (prevalência anual para pessoas entre 15-64 anos de idade). Isto é: menos de uma em cada vinte pessoas usou drogas ilícitas ao menos uma vez nos últimos 12 meses. Usuários de drogas considerados "problemáticos" (dependente químicos) estão limitados a menos de um décimo dessa percentagem, que já é baixa. Isso representa em média 26 milhões de pessoas, aproximadamente 0,6% da população adulta do planeta.

Este avanço é impressionante quando temos como perspectiva histórica um século de controle de drogas (ver capítulo 2), ou uma década desde que a Sessão Especial da Assembléia Geral das Nações Unidas (UNGASS), em 1998, motivou, países a serem mais proativos na redução da oferta e demanda de drogas. Esse é também um sucesso incontestável quando comparado ao consumo de álcool ou tabaco – drogas psicoativas que também causam dependência química – e que são usadas por pelo menos um quarto da população mundial adulta e causam milhões de mortes todos os anos. Se não houvesse um sistema de controle de drogas, o uso de drogas ilícitas poderia ter alcançado tais níveis com conseqüências devastadoras à saúde pública. Em síntese, em termos de redução da demanda, os controles nacionais e multilaterais de drogas mostram bons resultados.

Em termos de oferta da droga, a história é diferente. Este Relatório traz evidências de que houve um aumento na oferta de drogas ilícitas em 2007. O Afeganistão teve recorde no plantio e produção mundial de ópio – devido aos altos rendimentos do cultivo – que quase dobraram entre 2005 e 2007. O cultivo de coca aumentou nos países andinos no ano passado, embora a produção de cocaína tenha permanecido estável devido aos rendimentos mais baixos por hectare. No mercado haxixe (cannabis-resina), há duas preocupações novas: o Afeganistão se tornou o maior produtor de haxixe do mundo; e entre os países desenvolvidos, a produção em ambientes fechados tem produzido formas mais potentes de maconha.

Os últimos Relatórios Mundiais sobre Drogas do UNODC confirmam que o problema mundial das drogas está sendo controlado: está estável. Mas o relatório deste ano mostra que o compromisso está sob ameaça. É preciso agir para impedir que esse progresso – conquistado nas últimas décadas de controle de drogas – seja interrompido. Além disso, controle não deve ser visto como um fim em si mesmo. O verdadeiro sucesso virá apenas quando a oferta e a demanda realmente diminuam (em vez de se nivelarem) em todo mundo. O atual aumento da oferta juntamente com o desenvolvimento de novas rotas do tráfico (a maioria via África) pode eventualmente fortalecer a demanda onde ela já existe (principalmente em países desenvolvidos) e criar novos mercados para algumas das substâncias mais perigosas do mundo (principalmente em países em desenvolvimento).

É necessário agir em três frentes:

Primeiro, a *saúde pública* - o primeiro princípio do controle de drogas - deve ser trazida ao centro das discussões. Em muitos países, a quantidade de recursos e apoio político para segurança pública e aplicação das leis supera aqueles destinados à saúde pública. Isso precisa ser equilibrado. A dependência de drogas é uma questão de saúde e que deve ser tratada dessa maneira, com prevenção e tratamento. São necessários mais recursos para prevenir que mais pessoas usem drogas, para tratar aqueles quês são dependentes químicos e para reduzir as adversidades no âmbito da saúde e da sociedade, conseqüências do abuso de drogas.

Segundo, o controle de drogas deve ser visto em um amplo contexto da *prevenção ao crime* e fortalecimento do Estado de Direito para cortar vínculos entre o tráfico de drogas, o crime organizado, a corrupção e o terrorismo. Algumas das regiões onde há maior produção de drogas (Afeganistão, Colômbia e Mianmar) estão fora do controle de seus governos centrais. O tráfico de drogas está comprometendo a segurança nacional (por exemplo, em partes da América Central, Caribe, México e Oeste da África). O dinheiro das drogas se entrelaça com a corrupção e é fonte de financiamento do terrorismo. Assim, funcionários corruptos do governo e terroristas facilitam a produção de drogas e o tráfico.

Terceiro, garantir a segurança e defender a saúde pública devem ser tarefas realizadas de forma a assegurar os *direitos humanos* e a dignidade dos indivíduos. O aniversário de 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos reforça a lembrança dos direitos inalienáveis à vida e a um julgamento justo. Em alguns países há pena de morte para o uso de drogas. O abuso dessas substâncias pode matar; mas é incabível que se mate por causa das drogas. Enquanto avançamos, os direitos humanos devem ser parte do controle de drogas.

Em resumo, para manter a conduta e continuar a redução da ameaça causada pelas drogas, é preciso mais atenção à redução da demanda por drogas, promoção da segurança e desenvolvimento nas principais regiões produtoras de drogas, cooperação técnica aos países que estão no fogo-cruzado do tráfico de drogas, e interrupção do alastramento de drogas em países em desenvolvimento.

Antonio Maria Costa
Diretor Executivo
Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime - UNODC

Principais pontos

1. Tendências no Mercado Mundial

1.1 Visão Geral

A estabilização de longo prazo do mercado mundial das drogas continuou em 2007, embora tenham ocorrido notáveis exceções em algumas áreas críticas. Como tendências de longo prazo são obviamente mais significantes e indicativas do que flutuações de curto prazo, essas limitadas reversões não parecem negar o controle do mercado de drogas que vem sendo registrado desde os anos 90.

Do ponto de vista da oferta, apesar do crescimento do cultivo tanto da cocaína como dos opiáceos em 2007, a média geral de cultivo permaneceu abaixo da média atingida no início do processo da UNGASS¹ (1998) e bem abaixo dos picos anuais das duas últimas décadas (1991 para ópio e 2000 para a cocaína). Em 2007, o cultivo de ópio cresceu no Afeganistão e Mianmar: com altos rendimentos no plantio, especialmente no sul do Afeganistão. Isso traz conseqüências mundiais. Em relação à cocaína, o cultivo de coca cresceu na Bolívia, Peru e especialmente Colômbia, mas os rendimentos (coca-cocaína) diminuíram. Assim, a produção permanece estável.

Do ponto de vista da demanda – apesar do aparente crescimento no número absoluto de usuários de maconha, cocaína e opiáceos – os níveis de prevalência anual (uso pelo menos uma vez ao ano) têm permanecido estáveis em todos os mercados de drogas. Isto é, como o número de pessoas que têm usado algum tipo de droga pelo menos uma vez nos últimos 12 meses tem crescido em média na mesma proporção que a população, o consumo de drogas tem permanecido estável em termos relativos.

Dadas essas mudanças anuais, a contenção do mercado de drogas – que os relatórios dos últimos anos vêm mostrando – parece confirmada, mas sob ameaça. A partir de 2008 em diante, é preciso que haja mais consolidação, com mais restrições ao mercado geral e respostas efetivas em áreas onde foi registrada expansão do mercado ilícito de drogas em 2007. No campo da oferta, isso implica duas prioridades críticas: diminuir o cultivo a papoula de ópio, especialmente no Afeganistão; e retomar ao caminho progressivo de declínio do cultivo de coca registrado nos primeiros anos desse século.

Do lado da demanda, conter o número de usuários de drogas, particularmente em países em desenvolvimento, tem se tornado a prioridade principal; e mais atenção deve ser dada à prevenção, tratamento e redução das conseqüências adversas do uso de drogas. O mercado de drogas flutua em países ricos. É importante ter cautela e fortalecer a tendência à diminuição do consumo de drogas.

A contenção do uso ilícito de drogas a menos de 5% da população entre 15 e 64 anos de idade (baseados nas estimativas de prevalência anual, ver Figura abaixo) é um progresso considerável, documentada historicamente nas páginas deste Relatório. Isso se manifesta em duas escalas de tempo aqui consideradas: um

¹ Assembléia Geral da ONU (UNGASS, na sigla em inglês)

século desde o começo do sistema internacional (tratado no Capítulo 2); ou uma década desde a UNGASS em 1998.

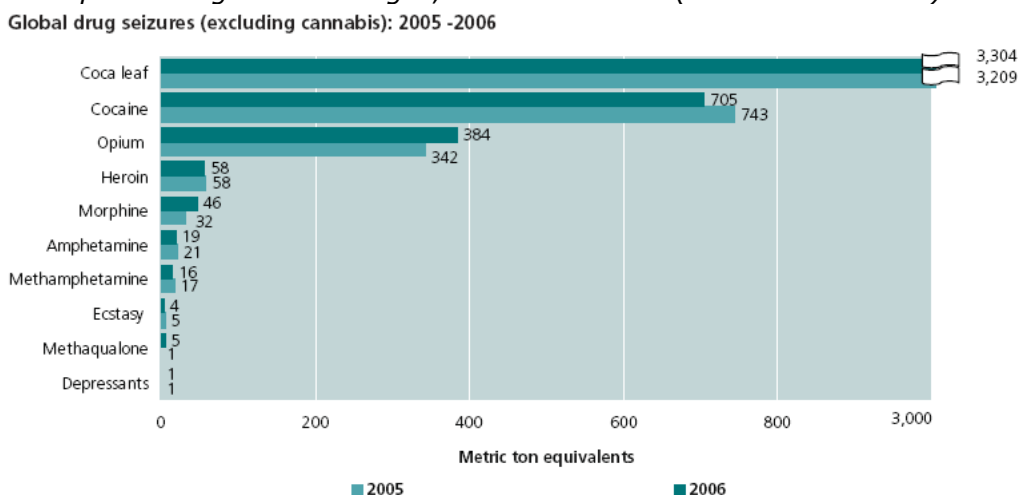
No geral, a contenção do problema de drogas ilícitas em uma parcela relativamente pequena da população (em idade entre 15 a 64 anos) começa a parecer uma realização ainda mais importante quando considerada sob a perspectiva de três outras estimativas. Primeiro, o uso considerado “problemático” de drogas (dependência química) tem sido restrito a uma parcela mínima da população (0,6%) em idade entre 15 a 64 anos. Segundo, o consumo de tabaco – outra droga psicoativa que também causa dependência química e que é amplamente vendida em mercados – afeta até 25% da população adulta do mundo. Terceiro, as estatísticas de mortalidade mostram que drogas ilícitas correspondem a uma parcela pequena em relação àquelas vidas que o tabaco tomou (em média 200 mil mortes por ano causadas por drogas ilícitas comparadas a uma média de 5 milhões de mortes ao ano causadas pelo tabaco).

Tendências Globais na Produção de Drogas

O total da área de cultivo de ópio aumentou para 235,7 mil hectares no ano de 2007. Esse aumento de 17% comparado a 2006 coloca o cultivo mundial exatamente no mesmo nível, embora ainda marginalmente inferior aos 238 mil hectares registrados em 1998.

Embora tenha havido algum crescimento no cultivo de papoula para produção de ópio no sudeste da Ásia, o crescimento global foi quase totalmente causado pela expansão em 17% do cultivo no Afeganistão, que agora está em torno de 193 mil hectares. Com o Afeganistão contribuindo com 82% da produção mundial de ópio, a proporção da expansão geral do cultivo pelo sudeste da Ásia foi relativamente baixa. Isto é relevante quando consideramos que tal resultado reverte 6 anos contínuos de baixas nos índices. O cultivo de papoula de ópio em Mianmar aumentou 29%, de 21,5 mil hectares em 2006 para 27,7 mil hectares em 2007. Os rendimentos mais elevados do plantio de papoula do ópio levam ao segundo ano de crescimento da produção global de ópio. A produção de ópio quase dobrou entre 2005 e 2007, chegando a 8,87 mil toneladas em 2007, um nível sem precedente nos últimos anos. Em 2007, o Afeganistão sozinho foi responsável por mais de 92% da produção global de ópio.

Gráfico 1: Apreensão global de drogas, exceto cannabis (maconha e haxixe): 2005-2006



O cultivo de coca cresceu na Colômbia, Bolívia e Peru em 2007. Na Colômbia, a área cultivada aumentou 27% e chegou a 99 mil hectares. O crescimento do plantio na Bolívia e no Peru foi consideravelmente menor, 5% e 4%, respectivamente. No total, o cultivo de coca cresceu 16% em 2007. Mas a colheita não foi boa – ou por falta de manutenção ou porque foram plantadas em áreas de baixo rendimento – de forma que a produção potencial de cocaína só cresceu 1%, chegando a 992 toneladas.

Estimativas da produção de maconha mostram um pequeno declínio no segundo ano consecutivo, o que parece reverter a tendência crescente que começou no início da década de 1990. A produção mundial de maconha agora está estimada em 41,4 mil toneladas, abaixo das 42 mil toneladas em 2005 e 45 mil t em 2004. O rendimento do plantio de maconha continua a variar consideravelmente e plantas hidropônicas vêm mostrando altos rendimentos, o que causa preocupação. A produção mundial de haxixe teve uma queda estimada de 10% dos 6,6 mil toneladas em 2005 para 6 mil toneladas em 2006. A prevalência anual praticamente não se alterou: de 3,8% a 3,9% entre 2005/6 e 2006/7.

A produção de estimulantes do grupo anfetamínico (anfetaminas) tem permanecido entre 450 e 500 toneladas desde 2000. Em 2007 a produção global de anfetaminas cresceu um pouco, chegando a 494 t. A produção de ecstasy caiu (de 113 t em 2005 para 103 t em 2006), e também houve declínio na produção de metanfetaminas (de 278 t para 267 t) que foi, mais uma vez, compensada pelo crescimento global da produção de anfetaminas (de 88 t para 126 t). A prevalência anual mundial de consumo (pela população mundial entre 15-64 anos) permanece em 0,6% (anfetaminas) e 0,2% (ecstasy).

Tendências Globais no Tráfico de Drogas

Somente as apreensões de maconha e opiáceos aumentaram desde 2006. A quantidade de maconha apreendida aumentou 12%, para 5,2 mil toneladas em 2005, enquanto a quantidade de apreensão de haxixe diminuiu em cerca de 25% – provavelmente ainda como reflexo da queda na produção no Marrocos. No entanto, apreensões de maconha estão 27% mais baixas em comparação aos níveis de 2004 (o auge das apreensões desde 1998). Houve forte queda nas apreensões de maconha (planta) em 2006.

Apreensões de ópio e morfina cresceram 10% e 31% respectivamente em 2006, refletindo o contínuo crescimento da produção no Afeganistão. Apreensões de heroína, no entanto, permaneceram estáveis em 2006. Após cinco anos consecutivos, a quantidade de cocaína apreendida caiu 5% em 2006. Isso se mostra consistente com a estabilização geral da produção da cocaína no período de 2004 a 2006. As quantidades de anfetamina, metanfetamina e ecstasy apreendidas caíram entre 8% e 15% entre 2005-2006. Como um todo, apreensões de anfetaminas aumentaram 2%, refletindo apreensões de anfetaminas ainda não especificadas, inclusive cápsulas do estimulante chamado “captagon”.

Gráfico 2: Apreensões Globais de Cocaína: 1996-2006

Global cocaine seizures: 1996- 2006

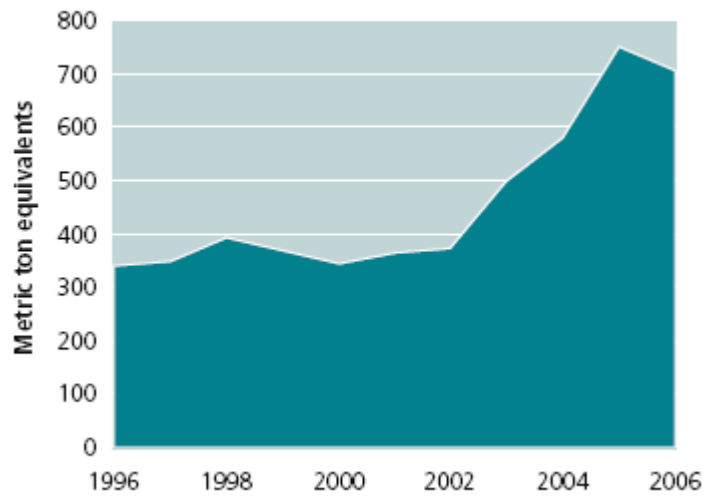
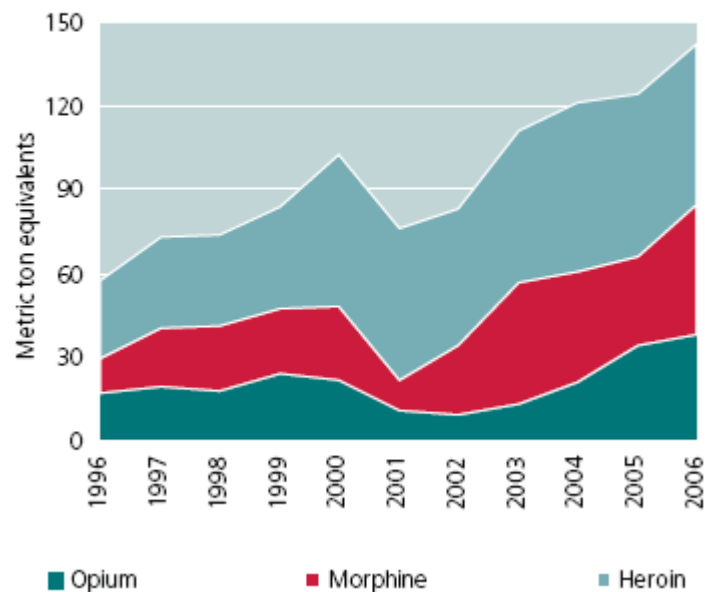


Gráfico 3: Apreensões globais de opiáceos – por substâncias: 1996-2006.

Global opiate seizures, expressed in heroin equivalents, by substance: 1996 - 2006



Tendências Globais no Consumo de Drogas

No mundo todo, a proporção de usuários de drogas entre a população de 15 a 64 anos permanece estável pelo quarto ano consecutivo. O índice tem girado em torno de 4,7% a 5,0% e se estabilizou no fim da década de 1990. Aproximadamente 208 milhões de pessoas, ou 4,9% da população entre 15 a 64 anos usaram drogas pelo menos uma vez nos últimos 12 meses. O chamado "uso problemático" (dependência química) de drogas permanece entre aproximadamente 0,6% da população mundial entre 15 a 64 anos.

Exceto os estimulantes do grupo anfetamínico (anfetaminas), cada mercado de drogas passou por aumento no número absoluto de usuários, mas os níveis de prevalência, onde houve aumento, ocorreram de forma mínima. As alterações na prevalência anual global de drogas, quando se compara 2006/7 e 2005/6, foi da seguinte forma: maconha, aumento de 3.8% para 3.9%; cocaína, aumento de 0.34% para 0.37%; opiáceos, aumento de 0.37% para 0.39%; heroína, aumento de 0.27% para 0.28% e anfetaminas, redução de 0.60% para 0.58%.

Gráfico 4: Uso de drogas ilícitas no âmbito global (2006/2007)

Illicit drug use at the global level (2006/2007)

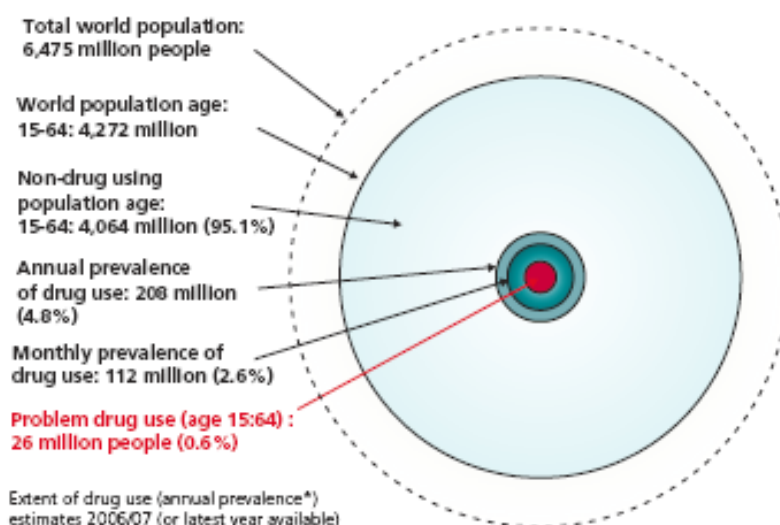


Gráfico 5: Extensão do uso de drogas (prevalência anual) estimativas 2006/7 (ou último ano disponível)

Extent of drug use (annual prevalence*) estimates 2006/07(or latest year available)

	Canna-bis	Amphetamine-type stimulants		Cocaine	Opiates	of which Is Heroin
		Amphetamines	Ecstasy			
Number of abusers (in millions)	165.6	24.7	9	16	16.5	12.0
in % of global population age 15-64	3.9%	0.6%	0.2%	0.4%	0.4%	0.3%

*Annual prevalence is a measure of the number/percentage of people who have consumed an illicit drug at least

1.2 Mercado de Ópio/Heroína

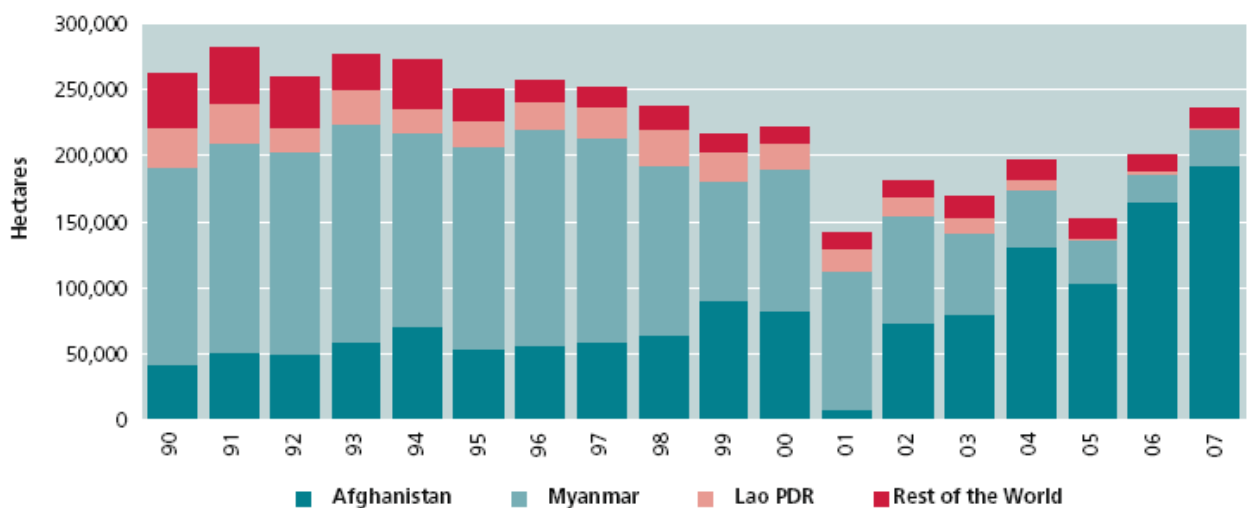
Em 2007, o mercado de ópio/heroína continuou a se expandir, diante do forte aumento no cultivo da papoula no Afeganistão, que se elevou em 17% no âmbito

mundial. Também houve aumento no cultivo de papoula/ópio no sudeste da Ásia, depois de 6 anos consecutivos de queda no total do plantio.

A área de cultivo da papoula do ópio, no Afeganistão, cresceu 17% em 2007 para 193 mil hectares. Essa foi a maior área de cultivo da papoula de ópio já registrada no Afeganistão, superando o cultivo recorde de 2006. Esse aumento foi menos propagado do que em 2006, quando o aumento foi de 33%. Similar ao ano anterior, o Afeganistão foi responsável por 82% da área global sob cultivo da papoula de ópio em 2007. Mais de dois terços do cultivo da papoula estão na região sul do país; onde o estado de Hilmand sozinho representa 53% do total do cultivo. O aspecto positivo é que o número de estados que hoje estão livres do ópio no Afeganistão aumentou de 6 em 2006 para 13 em 2007.

Gráfico 6: Cultivo ilícito de papoula/ópio, por região: 1990-2007

Global illicit opium poppy cultivation (hectares), by region: 1990 – 2007



Depois de seis anos de queda, o cultivo de papoula para produção de ópio no sudeste asiático teve um acréscimo de 22%, impulsionado pelo aumento de 29% no cultivo em Mianmar. Apesar desse aumento recente, o cultivo de papoula para o ópio no sudeste da Ásia diminuiu 82% desde 1998. Enquanto algumas áreas em Mianmar, como a região Wa, permanecem livres de da papoula, o cultivo no leste e sul do estado de Shan, onde a maior parte do cultivo de ópio ocorre, cresce significativamente. No Laos, os níveis de cultivo continuam baixos.

O crescimento da papoula para o ópio no Afeganistão tem tido maior rendimento que em Mianmar. Portanto, foi o plantio no Afeganistão que levou ao alto recorde na produção de ópio em 2007. A produção global de ópio cresceu pelo segundo ano consecutivo para 8,87 mil toneladas, mais do que todos os registros dos últimos anos. A produção global de ópio dobrou desde 1998 devido à mudança de cultivo, agora usando espécies com maior rendimento. Em 2007, o Afeganistão sozinho foi responsável por 92% da produção mundial, produzindo 8,2 mil toneladas de ópio, com um rendimento médio de ópio de 42,5 kg por hectare. In Mianmar, a produção de ópio cresceu em 46% para 460 mt, mas era está 65% mais baixa do que foi em 1998.

Gráfico 7: Principais drogas problemáticas (como reflexo da demanda por tratamento) 2006 (ou último ano disponível)

Main problem drugs (as reflected in treatment demand), 2006 (or latest year available)

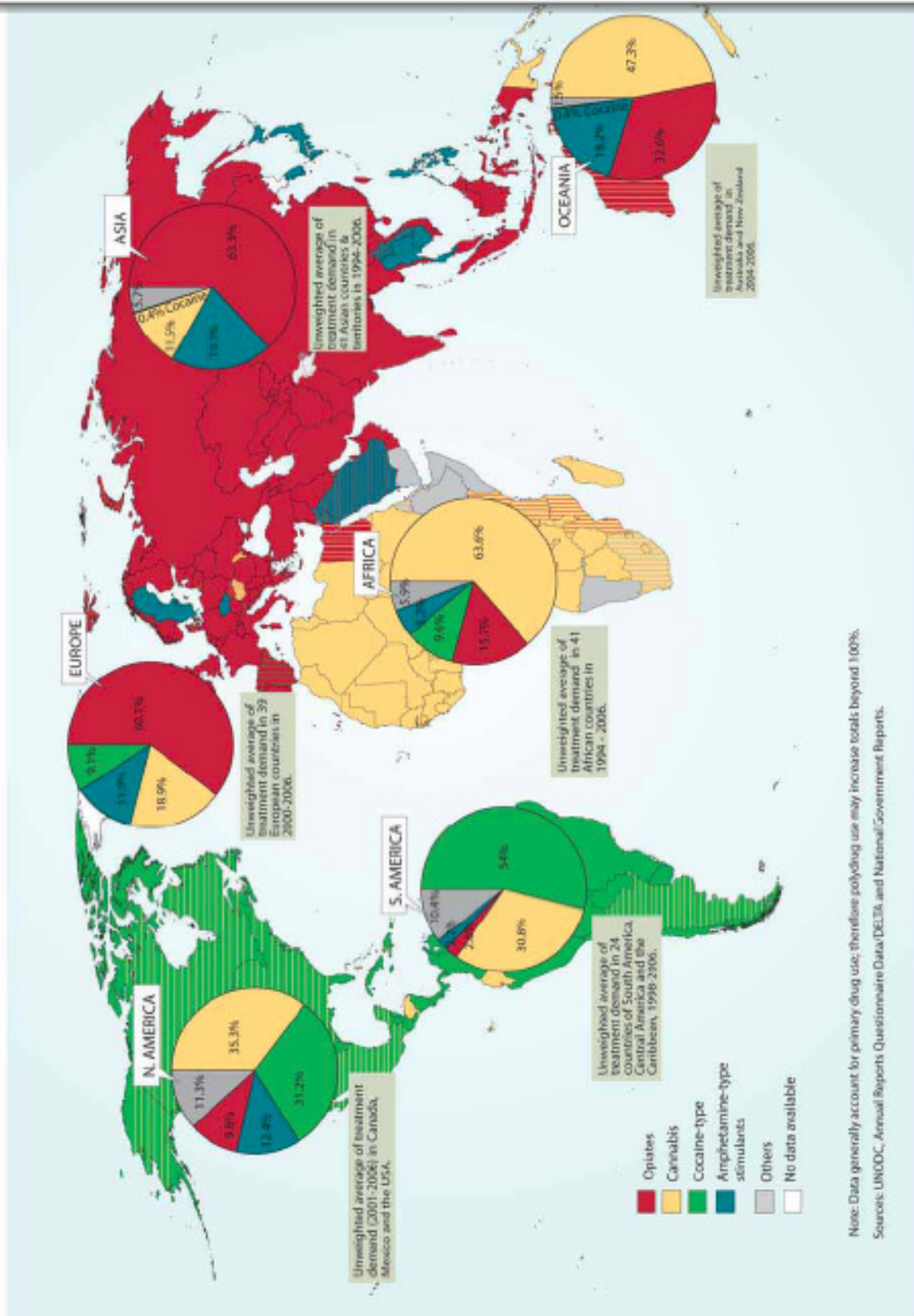


Gráfico 8: Produção ilícita global de ópio – por região: 1990 – 2007.

Global illicit opium production, by region: 1990 - 2007

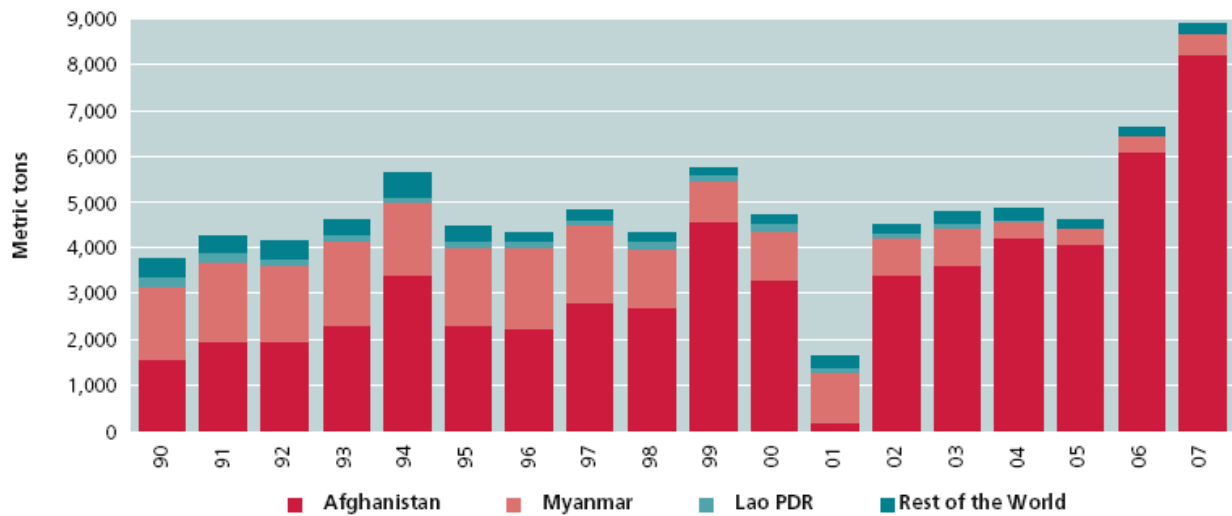


Gráfico 9: Tráfico de heroína e morfina, 2006 (países com apreensão de mais de 10kg)
 Trafficking in heroin and morphine, 2006 (countries reporting seizures of more than 10 kg)

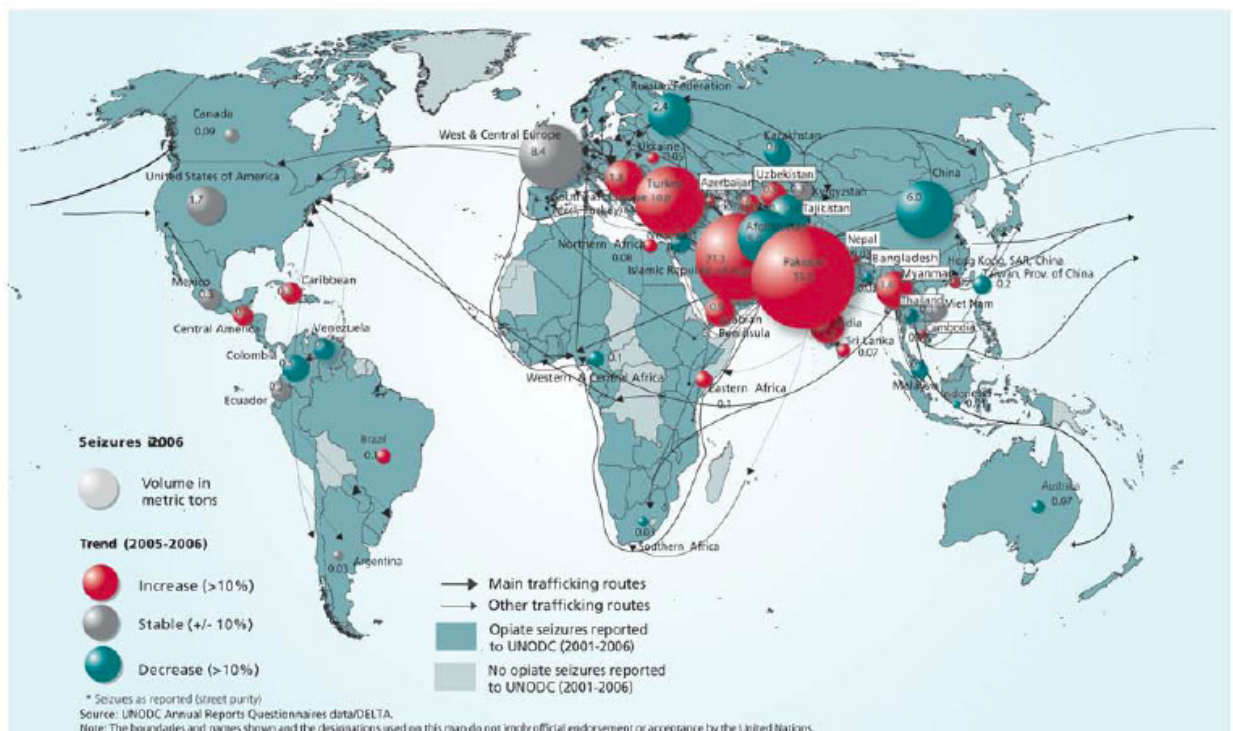


Gráfico 10: Mudanças no uso de heroína e outros opiáceos, 2006 (ou último ano disponível)

Changes in the use of heroin and other opiates, 2006 (or latest year available)

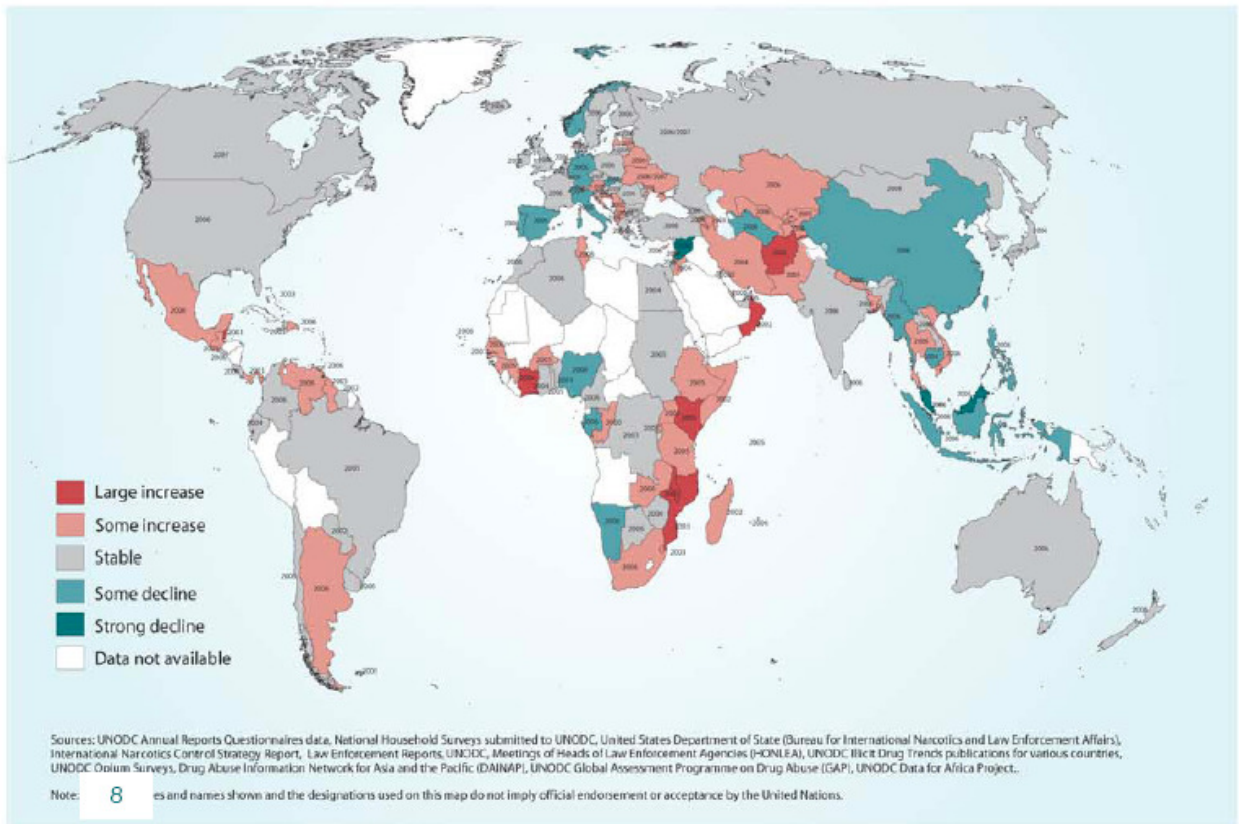
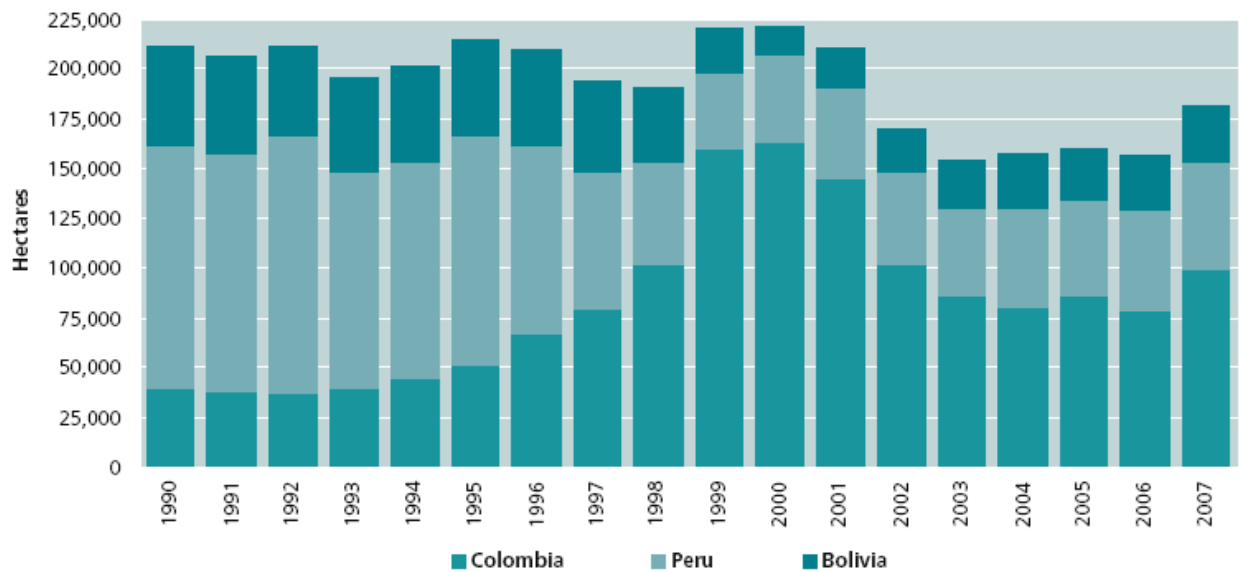


Gráfico 11: Cultivo global de coca (hectares) por região: 1990-2007

Global coca cultivation (hectares), by region: 1990-2007



Os padrões dos mercados consumidores estão estáveis. A maior parte dos opiáceos consumidos na Europa, Oriente Médio e a África tem origem no Afeganistão. A maior parte dos opiáceos disponíveis no mercado da Ásia vem de

Mianmar. Os mercados da América do Sul e América Norte são supridos principalmente pelo México e Colômbia. As maiores apreensões de heroína e morfina ocorreram no Paquistão, Iran e Turquia, e os níveis de apreensão cresceram em 2006.

Os opiáceos continuam sendo o maior problema das drogas em relação à demanda por tratamento. Isso, combinado com o gigantesco crescimento da produção, requer um rigoroso monitoramento da demanda no mercado de opiáceos. Enquanto a demanda tem sido relativamente estável no âmbito global, os países ao redor do Afeganistão continuam a presenciar o aumento do número de usuários. Também foram relatados aumentos na maioria dos países do leste e sul da África. Os mercados consumidores da Europa Central e Ocidental parecem estáveis. O uso de opiáceos também permanece estável na América do Norte.

1.3 Mercado da Coca/Cocaína

Em 2007, a área total de cultivo da coca na Bolívia, Colômbia e Peru aumentou 16%, chegando a 181,6 mil hectares. Isso se deve, principalmente ao aumento de 27% nas áreas cultivadas na Colômbia, mas o plantio também cresceu, em níveis menores, na Bolívia e no Peru. Apesar dos aumentos recentes, a área mundial de cultivo de coca continua a ser menor do que na década de 1990 e 18% menor do que o nível registrado no ano 2000 (221,3 mil hectares). A Colômbia continua a ter a maior parte do cultivo mundial: 55%, fechando 2007 com uma área total de plantio de coca de 99 mil hectares. Isso se deve, principalmente, ao aumento do plantio nas regiões do Pacífico e Central, que são responsáveis por mais de três quartos da área total de crescimento. O Pacífico foi a maior região de plantio de coca em 2007, com 25,96 mil hectares.

Em 2007 o cultivo de coca no Peru aumentou em 4%, ficando em 53,7 mil hectares. Apesar do segundo aumento consecutivo nas áreas cultivadas nos últimos dois, o plantio total de coca ficou bem atrás dos níveis registrados em meados dos anos 90, quando o Peru foi o maior produtor de folha de coca do mundo. A Bolívia, o terceiro maior produtor de folha de coca, ainda está atrás da Colômbia e Peru. Mas pelo segundo ano consecutivo, o cultivo de coca cresceu na Bolívia e chegou a 28,9 mil hectares em 2007, um aumento de 5%.

Com menos coca sendo cultivada em regiões de alto rendimento, houve estabilização na produção colombiana de cocaína, embora tenha havido grande aumento no cultivo. A produção potencial global de cocaína tem permanecido estável nos últimos anos, atingindo 994 toneladas em 2007, quase o mesmo que em 2006 (984 mt). A maior parte, 600 toneladas em 2007, vem da Colômbia.

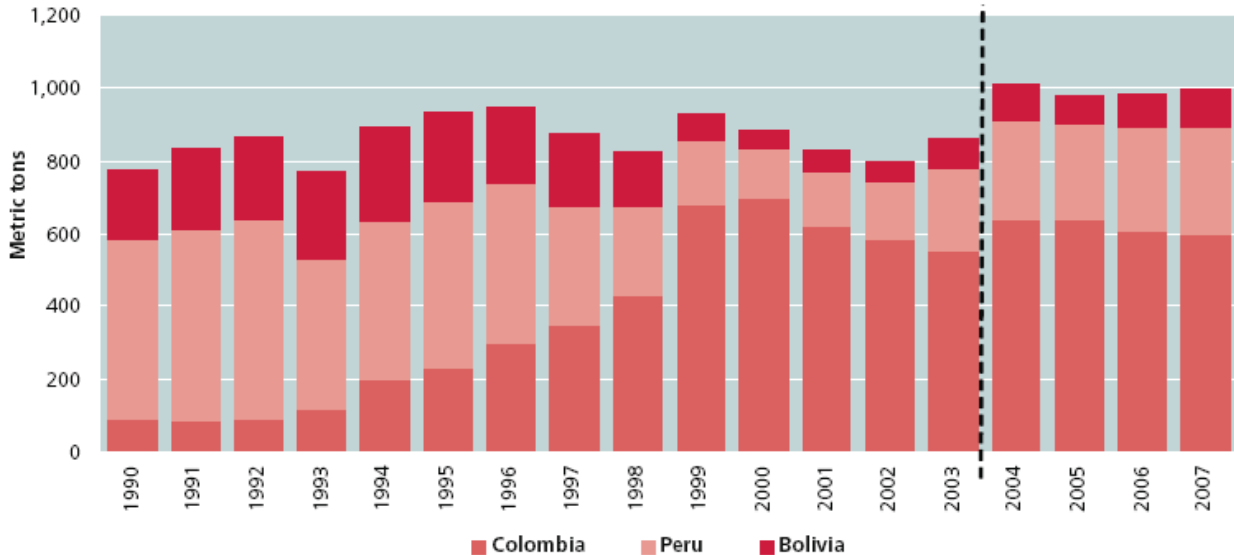
O mercado da cocaína se concentra nas Américas, embora o aumento, tanto na distribuição como no consumo, continue a ocorrer na Europa Ocidental e África Ocidental. O crescimento recente tanto nas apreensões como no uso na África Ocidental parece refletir o desenvolvimento de novas rotas de distribuição através da África Ocidental e Europa Ocidental. Isso tem levado a um grande aumento nas apreensões nas duas regiões. O consumo continua a crescer ao longo da rota do tráfico, bem como no destino final da distribuição. Houve queda no mercado consumidor de cocaína na América do Norte, o que resultou em queda do volume da droga apreendida na América do Norte. Nos Estados Unidos, a proporção da força

de trabalho cujos testes de uso de drogas tiveram resultado positivo para uso de cocaína diminuiu em 19% em 2007, e em 36% desde 1998.

Já na América do Sul, o consumo de cocaína continua a crescer.

Gráfico 12: Produção Global de cocaína, por região: 1990-2007

Global cocaine production*, by region: 1990-2007



1.3 Mercado de Cannabis (maconha e haxixe)

A cannabis (maconha e haxixe) continua a dominar os mercados mundiais de drogas ilícitas em termos de difusão do cultivo, volume da produção e número de consumidores. A produção de cannabis foi identificada ou reportada em 172 países e territórios. Os elevados níveis de uso dessa droga e seu crescente potencial fazem com que um controle de mercado a longo prazo seja crucial. A produção mundial de maconha tem se estabilizado em torno de 41,4 mil toneladas em 2006. A produção em 2006 foi quase igual à produção em 2005, e 8% abaixo da produção em 2004. A queda mundial nas apreensões de maconha entre 2004 e 2006 foi ainda mais evidente (-27%).

Em 2006, a maioria da maconha foi produzida nas Américas (55%) e na África (22%), seguidos por Ásia e Europa. O mercado da maconha é caracterizado por um alto nível de produção e distribuição local e intra-regional. Os países que produzem para exportação ainda são limitados: alguns países da África (incluindo África do Sul, Nigéria, Gana e Marrocos) e alguns países asiáticos (incluindo Afeganistão, Paquistão e Cazaquistão). Mudanças na distribuição da produção por região em 2004 e 2006 sugerem que a produção de maconha cresceu na Europa (considerando a diminuição das exportações de haxixe vindas do Marrocos), Ásia e América Central (incluindo América Central e Caribe). A produção parece ter diminuído na África em relação ao pico de produção ocorrido em 2004. Da mesma forma a produção parece ter diminuído na América do Norte.

O crescente aumento nos níveis de THC (a substância psicoativa da cannabis) está alterando o mercado da maconha. No Canadá e nos Estados Unidos, onde tem havido sucesso na erradicação abrangente do cultivo da cannabis, o crescimento

dos níveis de THC refletem a contínua mudança para a produção em ambientes fechados – e de variações mais fortes da cannabis. A média dos níveis de THC na maconha no mercado dos Estados Unidos praticamente dobrou entre 1999 e 2006, de 4,6% para 8,8%.

A extensão do cultivo de cannabis no Afeganistão parece se aproximar do que foi visto no Marrocos. Em 2007, a área sob cultivo de cannabis no Afeganistão foi equivalente a mais de um terço da área sob cultivo de ópio. As estimativas do UNODC sugerem que o cultivo de cannabis no Afeganistão cresceu de 30 mil hectares em 2005 para 50 mil hectares em 2006 e 70 mil hectares em 2007. Estimativas sugerem que 6 mil toneladas de haxixe foram produzidas em 2006, menos que as 6,6 mil toneladas produzidas em 2005 e 7,5 mil toneladas em 2004. Após muitos anos de crescimento ininterrupto, a produção mundial de haxixe parece ter sido controlada.

A apreensão de maconha (-27%) e de haxixe (-30%) diminuiu entre 2004 e 2006. Isso reverte a tendência anterior de crescimento de apreensões mundiais. Aproximadamente 60% da apreensão total mundial de maconha ocorreram na América do Norte (58%) em 2006, principalmente no México (1,89 mil toneladas) e os Estados Unidos (1,14 mil toneladas). As apreensões permaneceram estáveis em 2006 quando comparadas com o ano anterior, embora 8% menos do que as apreensões em 2004.

O mercado de consumo de maconha e de haxixe é gigantesco, em comparação aos outros grupos de drogas. Estimativas do UNODC sugerem que cerca de 166 milhões de pessoas usaram maconha ou haxixe em 2006, o equivalente a 3,9% da população mundial entre 15-64 anos. A prevalência anual é ainda maior na Oceania (14,5% da população em idade entre 15-64 anos), seguida da América do Norte (10,5%) e África (8%). Os índices mais altos na África foram encontrados na África Ocidental/África Central (12,6%) e Sul da África (8,4%). O uso de cannabis diminuiu na Oceania e estabilizou na Europa Ocidental e na América do Norte, embora tenha havido um aumento no México. Grandes aumentos no uso de cannabis foram reportados na América do Sul, África Ocidental e África Central.

Gráfico 13: Tráfico de cocaína, 2006 (países com apreensão de mais de 10 kg)

Trafficking in cocaine, 2006 (countries reporting seizures of more than 10 kg)

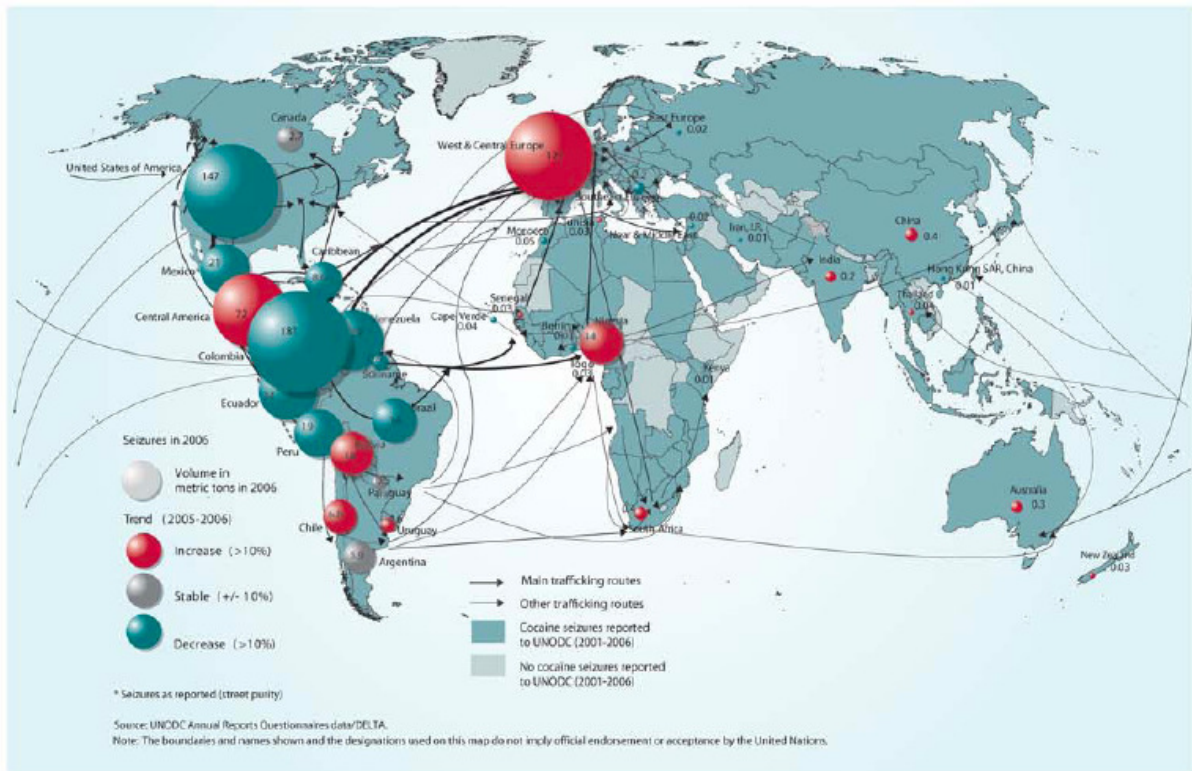


Gráfico 14: Mudança no consumo de cocaína, 2006 (ou último ano disponível)

Changes in the use of cocaine, 2006 (or latest year available)

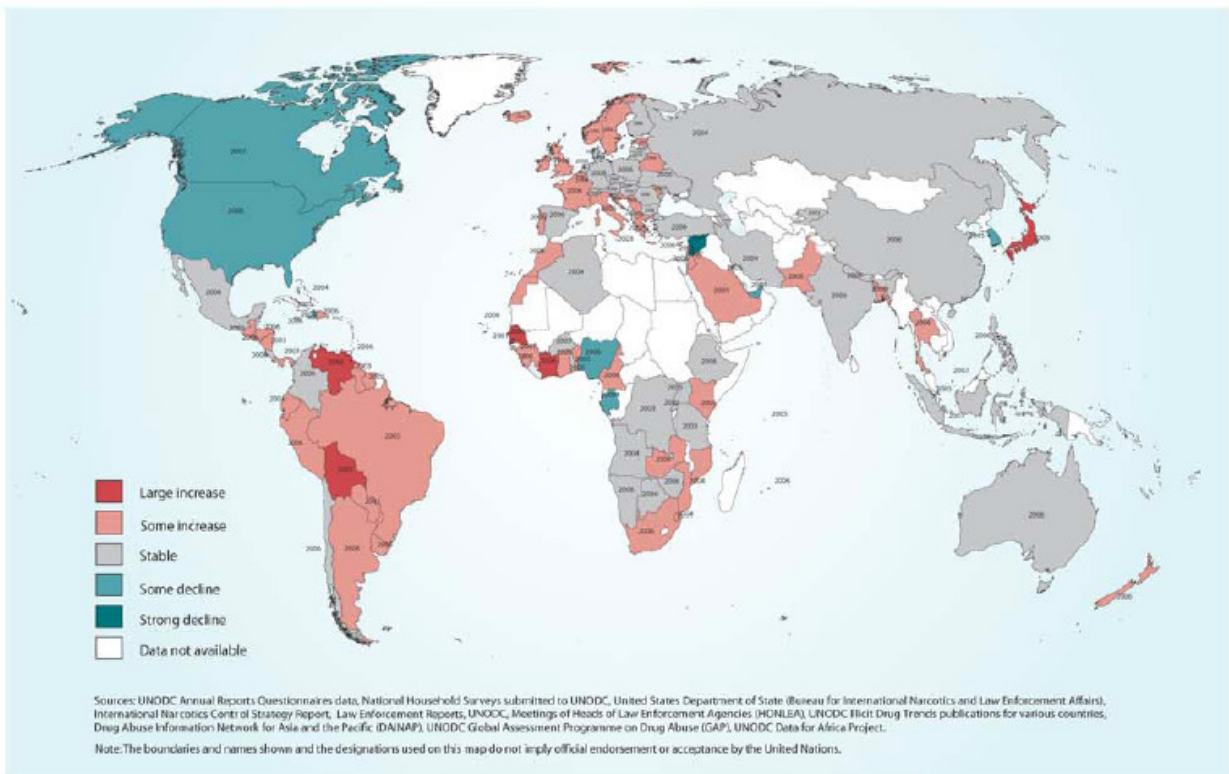


Gráfico 15: Estimativa da produção global de maconha: 1988-2006

Estimate of global cannabis herb production: 1988-2006

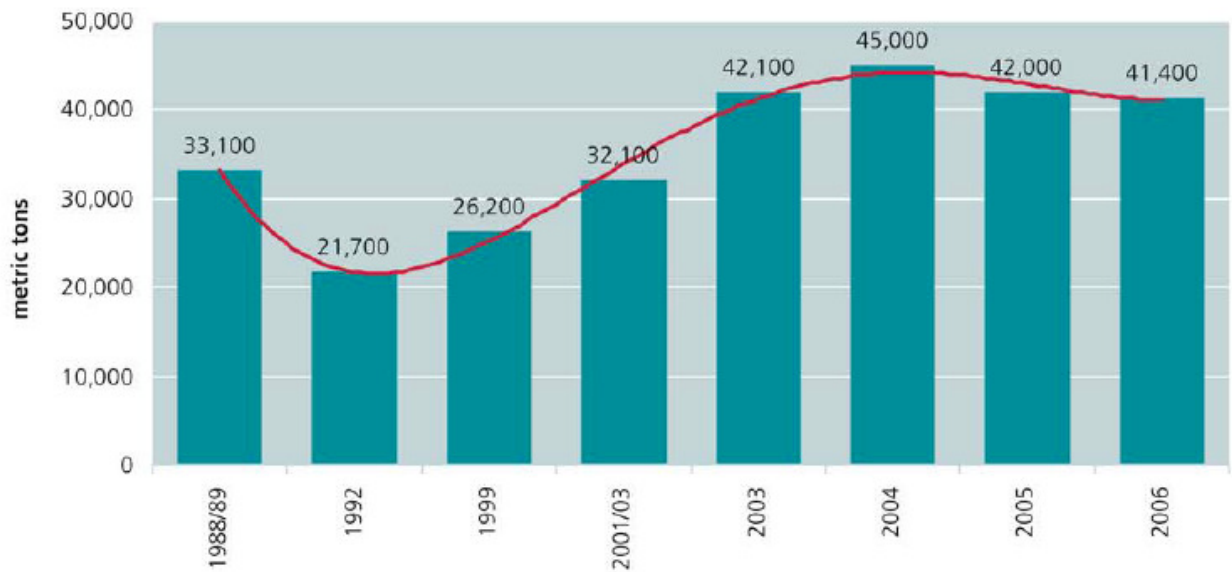


Gráfico 16: Tráfico de maconha, 2006 (países que reportaram apreensão de mais de 100 kg)

Trafficking in cannabis herb, 2006 (countries reporting seizures of more than 100 kg)

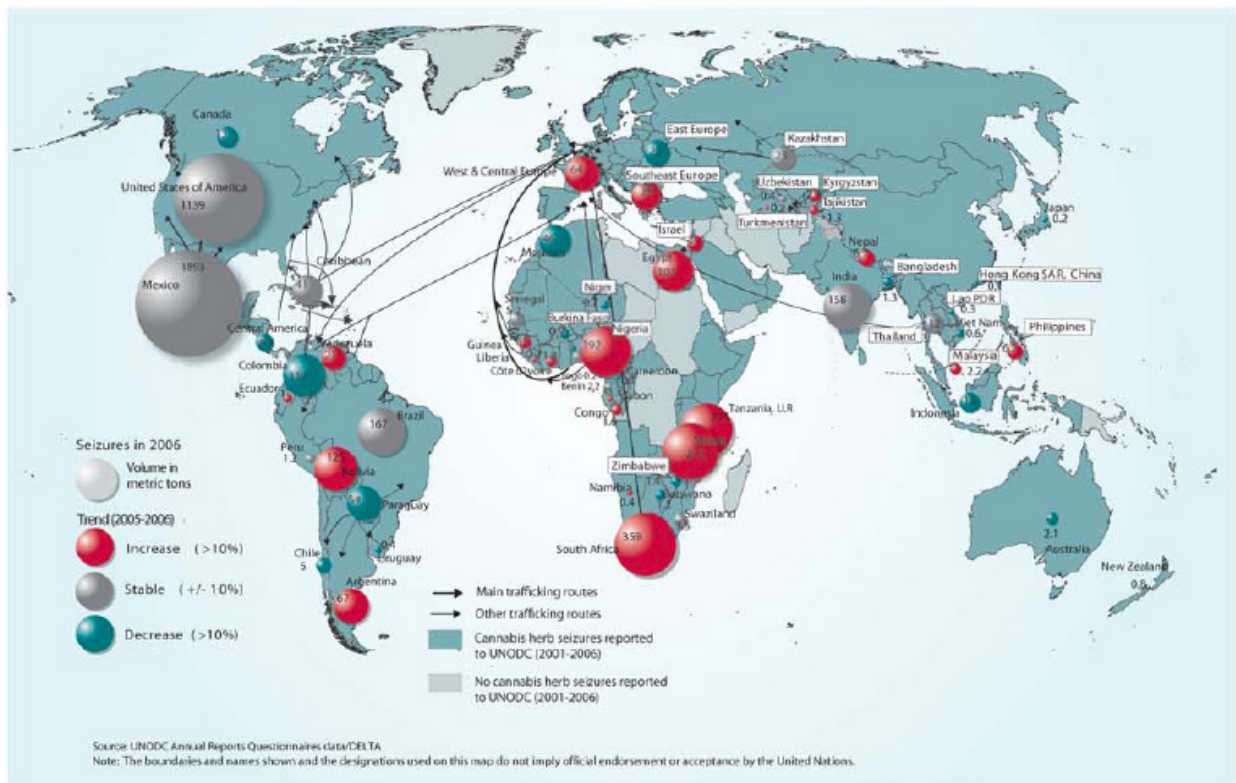
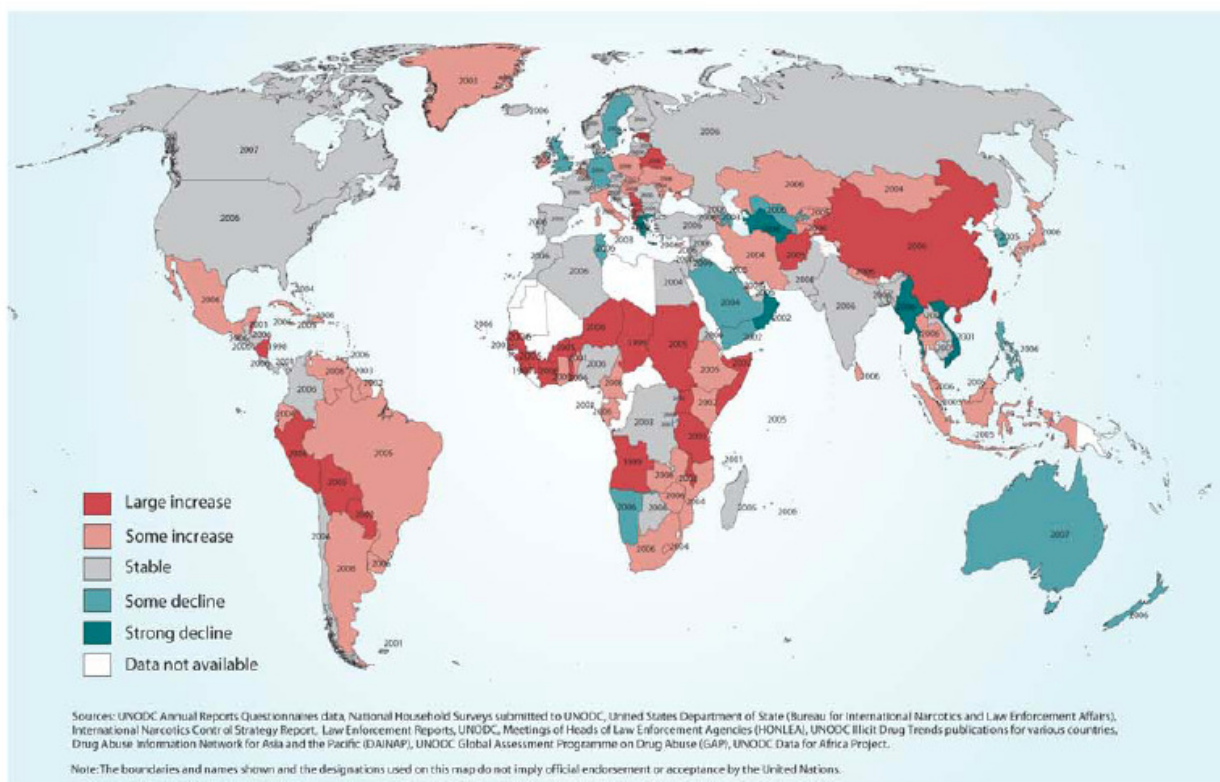


Gráfico 17: Mudanças no uso de maconha em 2006 (ou último ano disponível)
Changes in the use of cannabis 2006, (or latest year available)



1.4 Mercado de Estimulantes do grupo anfetamínico (anfetaminas)

A médio prazo, este mercado continua a se estabilizar. O UNODC estima que, em 2006, a produção de anfetaminas ao redor do mundo cresceu em torno de 330 toneladas para 770 toneladas, numa média estimada de 494 toneladas.

Aparentemente, a produção global de anfetaminas pode estar aumentando para os estimulantes do grupo anfetamínico e diminuindo para o ecstasy. Em 2006, estima-se que a metanfetamina foi responsável por 68% de todos os estimulantes do grupo anfetamínico.

A produção de anfetaminas é específica, regionalmente, tanto em relação à demanda como em relação à disponibilidade das substâncias químicas utilizadas para a sua produção (precursores químicos). A metanfetamina é produzida no leste e sudeste da Ásia, América do Norte e Oceania, onde os precursores são mais facilmente encontrados e a demanda é alta. As anfetaminas continuam a ser produzidas em grande escala na Europa. O ecstasy é produzido principalmente na América do Norte, na Europa Ocidental e na Oceania, e há alguma produção no leste e sudeste da Ásia.

Após constantes aumentos no número de laboratórios de anfetaminas descobertos ao longo da década de 90 (chegando ao ápice de 18,6 mil laboratórios em 2004), em 2006 esse número caiu para 8,2 mil laboratórios encontrados. Apesar de o número de laboratórios descobertos ter caído drasticamente, não houve uma

redução proporcional na produção de metanfetaminas, que têm sido criadas nos chamados “superlaboratórios”. Apreensões de anfetaminas aumentaram novamente em 2006, alcançando 47,6 toneladas, perto de seu ápice no ano 2000. Enquanto o tráfico de anfetaminas permanece primordialmente como um problema *intra*-regional, há evidências de crescimento do tráfico *inter*-regional. O tráfico de precursores químicos para a produção de anfetaminas continua a ser predominantemente inter-regional, sendo que a maioria dos precursores que é traficada sai do sul, leste e sudeste da Ásia.

Cerca de 24,7 milhões de pessoas no mundo todo – o equivalente a 0,6% da população entre 15 e 64 anos – consumiram anfetaminas em 2006². O UNODC estima o número de usuários de ecstasy gire em torno de 9 milhões no mundo todo (0,2%). Tais estimativas não têm mudado muito em comparação ao último ano ou ao início do século XXI. Esse resultado supera os níveis de uso de cocaína e heroína combinados.

Cerca de 55% dos usuários de anfetaminas (14 milhões de pessoas) estão na Ásia. A maioria é de usuários de metanfetamina no leste e sudeste do continente. Quase toda (97%) a anfetamina utilizada na Ásia é consumida nas regiões leste e sudeste. O número total de usuários de anfetamina na América do Norte gira em torno de 3,7 milhões de pessoas, o equivalente a 15% do total de usuários no mundo todo. A Europa é responsável por 10% do total de usuários do mundo, ou 2,7 milhões de pessoas.

2. Um século de controle internacional de drogas

Há aproximadamente 100 anos, a comunidade internacional se reuniu em Xangai para discutir o maior problema de drogas já visto no mundo: a epidemia chinesa de abuso de ópio. Em seu ápice, dez milhões de chineses eram dependentes da droga, e cerca de um quarto da população masculina adulta era usuária freqüente. O poderoso império chinês viu suas reservas minguarem à medida que crescia a importação de drogas produzidas em outros países da região (muitos sob domínio de países do Ocidente). Isso reverteu uma longa situação de balança comercial favorável da China em relação ao Oeste.

Antes da Comissão do Ópio de 1909 em Xangai, havia um mercado global livre de drogas que causavam severa dependência química, o que trouxe conseqüências graves. Governos e monopólios estatais tiveram um papel ativo na venda de drogas entre fronteiras. Os lucros eram enormes, sendo responsáveis por quase a metade da renda nacional de alguns países insulares que serviam como centros de redistribuição. Mesmo um país do tamanho da Índia britânica faturava 14% do dinheiro arrecadado pelo Estado por conta do seu monopólio do ópio em 1880. A China lutou – sem sucesso – duas guerras contra o Império Britânico para cessar a importação do ópio. Quando foi forçada a legalizar a droga, a China também aderiu ao cultivo no próprio país. Pôde, de imediato, conter o problema da balança comercial (com o declínio das importações de ópio) e criou uma gigantesca fonte de

² O grupo das anfetaminas inclui metanfetaminas, anfetaminas, e anfetaminas não-específicas (e.g. fenetylline, methylphenidate, phenmetrazine, methcathinone, amfepramonte, pemoline, phentermine), mas excluí o ecstasy nas análises deste relatório (análises para o ecstasy são feitas à parte).

Gráfico 19: Tráfico de ecstasy, 2006 (países que relataram apreensões de mais de 1kg)
 Trafficking in ecstasy, 2006 (countries reporting seizures of more than 1 kg)

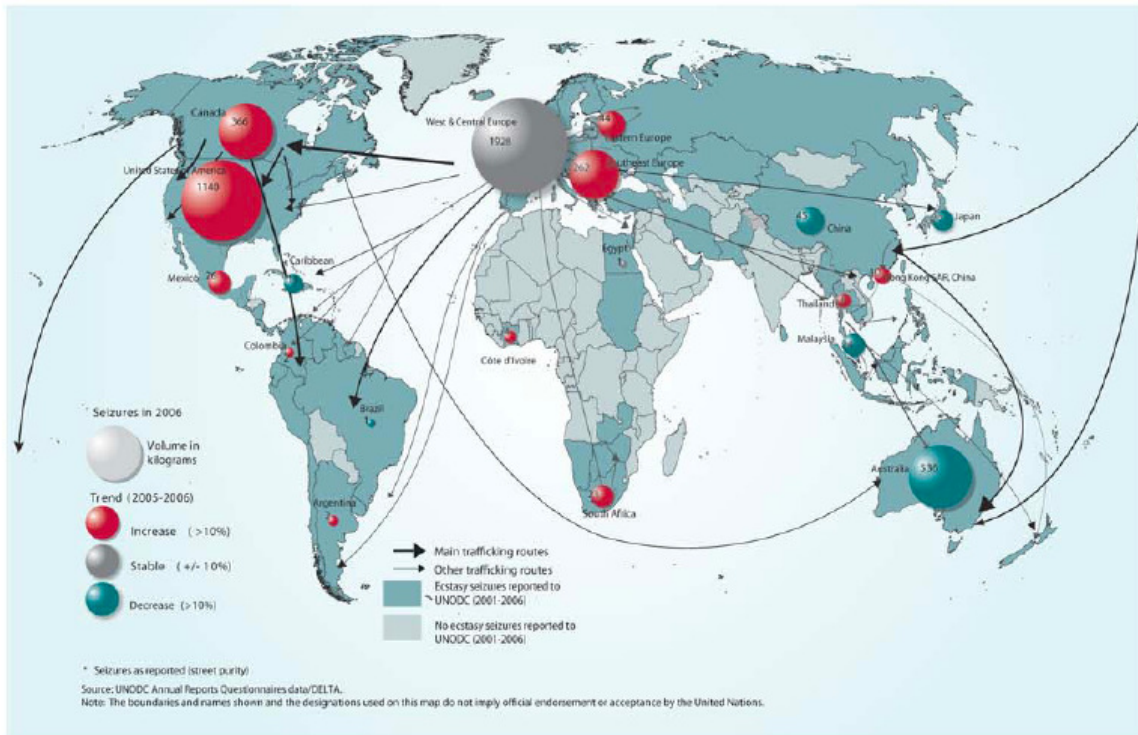


Gráfico 20: Mudanças no uso de anfetaminas (metanfetaminas, e substâncias ligadas às anfetaminas) 2006 (ou último ano disponível)

Changes in use of "amphetamines" (methamphetamine, amphetamine and related substances) 2006 (or latest year available)

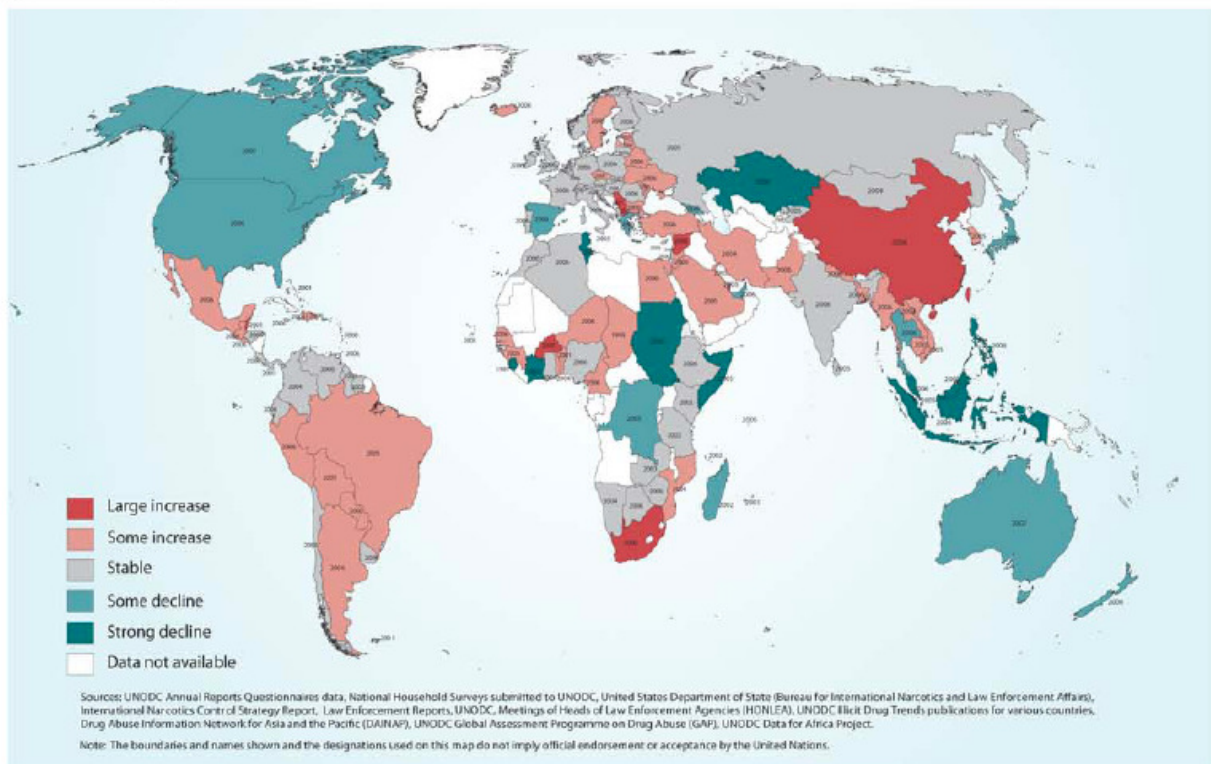
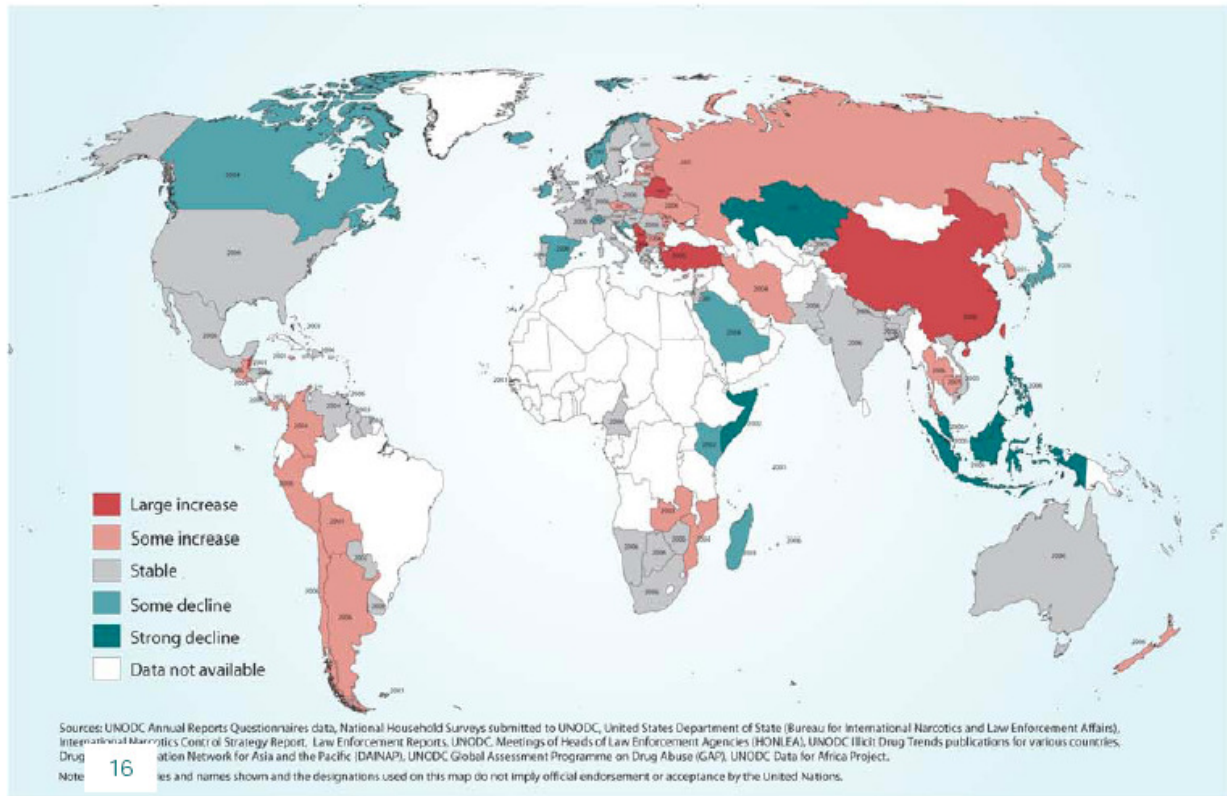


Gráfico 21: Mudanças no uso de ecstasy (MDMA, MDA, MDEA) 2006 (ou último ano disponível)

Changes in use of Ecstasy (MDMA, MDA, MDEA) 2006 (or latest year available)



As drogas evoluíram tão rápido quanto o sistema internacional. O ópio saiu de moda em muitas partes do mundo, sendo substituído por outros tipos mais modernos de drogas, primeiro a morfina e depois a heroína. A cocaína também emergiu na geopolítica mundial – poucos se lembram do tempo em que a Ilha de Java se sobressaía em relação à América do Sul como principal fonte da folha de coca. A situação na África trouxe preocupação, e a cannabis (maconha e haxixe) foi adicionada à lista de substâncias internacionalmente controladas em 1925. À exceção dos opiáceos sintéticos, a Convenção de 1961 não cobriu as drogas sintéticas que se proliferaram na década seguinte à sua adoção, e, dessa forma, uma segunda Convenção se fez necessária, dez anos depois, a *Convenção de Substâncias Psicotrópicas* (1971). Finalmente, a *Convenção de 1988 das Nações Unidas contra o Tráfico Ilícito de Drogas Narcóticas e Substâncias Psicotrópicas* consolidou e racionalizou os diversos acordos e declarações e as consolidou num sistema coerente de controles internacionais.

Hoje, essas convenções têm um nível quase global de aderência – com mais de 180 estados-parte. Tendo em vista a diversidade de pessoas no mundo, quando há acordo em relação a algo, isso já significa uma conquista concreta. Essa coesão é ainda mais marcante tendo em vista que se trata de um tema altamente controverso. É claro que o sistema internacional de controle de drogas tem suas críticas. Isso é um trabalho em permanente progresso, sendo continuamente adaptado para tratar das circunstâncias globais e das mudanças – e, infelizmente, às vezes produzindo algumas conseqüências não intencionais.

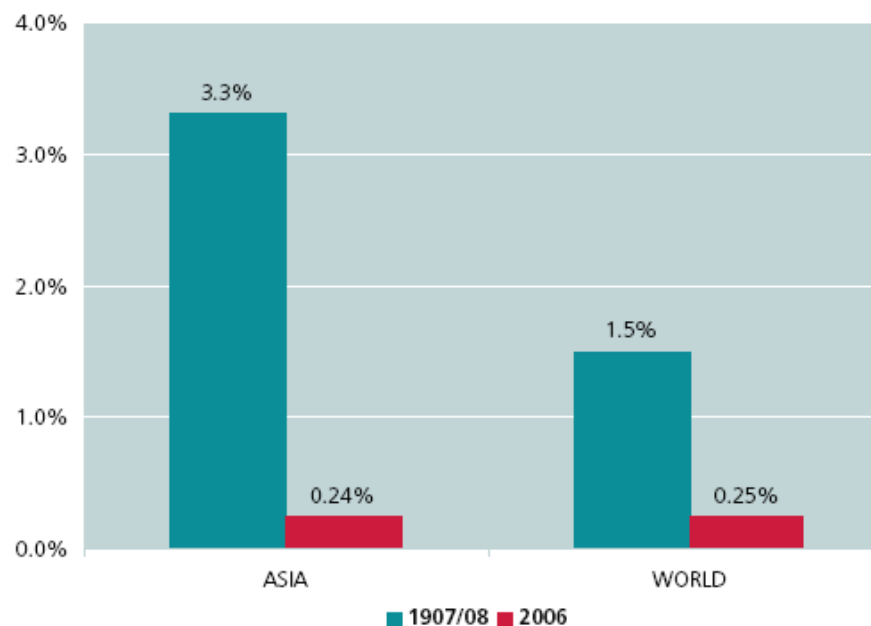
A primeira e mais significativa dessas conseqüências é a criação de um criativo e violento mercado-negro. Segundo, o foco na segurança pública pode ter sugado recursos de abordagens voltadas à saúde, o que ultimamente representa um problema de saúde pública. Terceiro, a ampliação de esforços em uma área geográfica específica geralmente leva à diversificação da produção em outras áreas. Quarto, as pressões do mercado por uma substância específica têm, em algumas ocasiões, promovido o uso de drogas alternativas. Finalmente, o uso do sistema de justiça criminal contra usuários de drogas, que em muitos casos são provenientes de grupos já marginalizados, muitas vezes exacerba a marginalização dessas pessoas, diminuindo a capacidade de oferecer tratamento àqueles que mais necessitam.

Tais conseqüências não são intencionais, mas representam sérios desafios de como o sistema internacional de controle de drogas irá enfrentar o próximo século. De qualquer forma, isso não deve minimizar importantes conquistas. Dentro do sistema atual de controle, é muito improvável que o mundo enfrente um problema com as drogas como aquele que a China enfrentou há 100 anos.

O sistema foi originalmente criado para controlar o uso recreativo de certas substâncias. E o problema da produção de ópio para uso recreativo, foi quase totalmente confinado a cinco regiões de um único país, arruinado pela guerra. Apesar dos recentes aumentos de produção no Afeganistão, a produção e uso de opiáceos a longo prazo estão em declínio. Não se pode saber ao certo como seria o mundo sem um sistema internacional de controle de drogas, mas o sistema foi iniciado em resposta a uma profunda crise humanitária – que já foi resolvida. Novas drogas têm surgido e elas têm trazido danos. Mas imaginem que danos poderiam ter causado se pudessem circular livremente no mercado como ocorreu com o alastramento do ópio no início do século XX na China?

Gráfico 22: Estimativa anual de prevalência de ópio 1907/08 e 2006

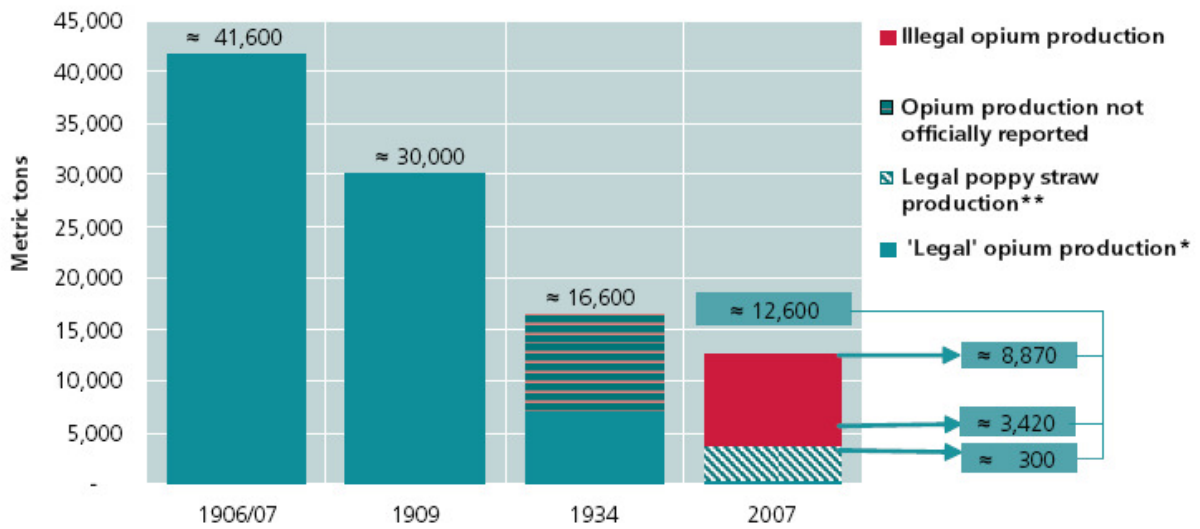
Fig. 1: Estimates of annual prevalence of opiate use, 1907/08 and 2006



Sources: UNODC calculations based on International Opium Commission, Shanghai, February 1909.

Gráfico 23: Produção global lícita e ilícita de ópio, 1906/07 - 2007

Fig. 2: Global licit and illicit opium production, 1906/07 – 2007



* Legal status of opium production before 1912 must be differentiated from opium after 1964 (when Single Convention came into force)

** converted into opium equivalents

Sources: International Opium Commission, Shanghai, INCB, UNODC.

Mais informações:

Carolina Gomma de Azevedo
 Assessora de Comunicação
 Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime
 UNODC - Brasil e Cone Sul
 Tel: +55 61 3204 7206
 Cel: + 55 61 8143 4654
 Carolina.azevedo@unodc.org
 www.unodc.org.br